

TE ENCONTRO ÀS ONZE



Victor Lopes

TE ENCONTRO ÀS ONZE

Victor Lopes

Copyright © 2017 Victor Lopes

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do conteúdo sem a autorização prévia do autor. Exceto trechos curtos para críticas.

Ilustração de capa: Freepik

Diagramação, capa e revisão: Victor Lopes

*'Cause I don't know what to say
Another day
Another excuse to be sent your way
Another day
Another year*

*Maybe someday
You'll be somewhere
Talking to me
As if you knew me
Saying, I'll be home for next year, darling*

Two door cinema club – Next Year

22 de outubro de 2017

No meu sonho, o Arthur tem cheiro de canela, como se fosse o personagem de algum romance. Não sei se o que sinto é realmente o seu cheiro, mas é a coisa mais clara que percebo enquanto o abraço por poucos instantes. Não há cores ou sons que me indiquem o que vai acontecer em seguida.

Apenas o cheiro de canela no meu nariz e o peso do corpo dele nos meus braços. E então ele é levado por enormes monstros cobertos de sujeira e sangue e só o que eu faço é gritar enquanto ele é arrastado para longe de mim em direção a uma morte certa e dolorosa. Quero fazer alguma coisa, mas não sou um caçador de seres sobrenaturais.

O ouço berrando meu nome ao longe e eu grito em resposta no momento em que acordo. Meu corpo está tremendo todinho e estou suando de um jeito que nunca imaginei ser possível. No escuro não vejo nada, mas percebo um movimento que faz minha respiração ofegar e, então, a pancada de uma almofada bem na minha cara.

— Garoto esquisito! – fala minha irmã da parte de cima do beliche. – Fica quieto que eu quero dormir.

E assim eu percebo que estou seguro e que Arthur, por enquanto, só está presente nos meus sonhos.

E que, depois de todo esse tempo, não tenho como saber se quando nos encontrarmos ele vai ter cheiro de canela.

31 de outubro de 2015

Em algum fuso-horário esquisito, de algum canto do mundo, agora são onze da noite. Mas em São Paulo já são três da manhã e meus olhos piscam com o peso de uma tonelada.

A luz do notebook é a única coisa iluminando o quarto e o som da música nos meus fones já nem me atingem mais, é somente algo que serve de pano de fundo e que não me mantém acordado.

Eu atualizo o site oficial de *Caçadores do Sobrenatural*, mas ainda não tem nada de novo. Olho para o pôster com a capa dos seis livros da série, pendurado atrás da porta do quarto, e tenho vontade de me ajoelhar e implorar para ele como se fosse uma entidade divina.

Mais uma vez aperto o f5 e a tela muda.

A capa do último livro da série está disponível.

A única coisa que quero fazer é berrar.

Me levanto, deixando o notebook sobre a cama e pulo pelo quarto, agitando os braços como se comemorasse uma grande vitória e tendo que me controlar para não deixar meu óculos cair do rosto. Em seguida respiro fundo e fico por alguns instantes apenas parado admirando a imagem da capa que mostra o personagem principal, não mais uma criança, segurando uma espada numa luta contra o seu arqui-inimigo.

Aquilo é lindo e eu quero comemorar e conversar com alguém sobre isso, mas não tenho ninguém, nenhum amigo que goste de ler estes livros. Também não posso acordar minha irmã para contar para ela e mostrar o quanto a capa é linda porque, por mais que ela aceite meu vício e possa me escutar falar sobre ele por um longo período de tempo, ela ainda me mataria se eu o fizesse a essa hora.

Volto para a cama e coloco o notebook no colo. Abro o link do bate papo do site, esperando verdadeiramente encontrar alguém bacana para surtar comigo e que não venha conversar apenas sobre a minha foto de perfil, na

qual estou usando um uniforme da Ordem dos Magos da série que é uma réplica caseira, porém perfeita e que sempre chama a atenção dos fãs.

Mando um “oi” desesperado e imediatamente recebo um “AAAAAAAAAA” como resposta.

Então respondo da única maneira que posso, com um “AAAAAAAAAAAAAAAAAA” também.

O nome dele é Arthur, a foto dele é de um cosplay maravilhoso do melhor amigo do personagem principal, que usa uma máscara de ouro em metade do rosto. E nessa noite eu não dormi, pois conversamos até o dia clarear e mais um pouco.

4 de novembro de 2015

— Sua cara tá horrível, Manu.

— Eu sei.

Gabriela, minha melhor amiga, para no meio do caminho até a entrada da escola. Ela segura meus ombros e olha meu rosto, claramente me analisando. Isso dura apenas alguns segundos, ela volta a andar sem dizer nada e eu a sigo.

— Bom, - ela começa, como se fosse explicar a maior descoberta do mundo. - você tem só quinze anos, claro. Então é normal não dormir à noite. Ficar acordado até tarde fazendo coisas que garotos de quinze anos fazem...

— Falando desse jeito parece que você tem uns cinquenta anos.

— Minha mentalidade é bem evoluída, afinal eu sou uma garota.

— Ah...

— Como eu ia dizendo... Você não tem dormido, isso é óbvio. E você é um adolescente, o que faz esse tipo de atitude ser normal.

— Mas?

— Mas tem algo a mais. Alguma outra coisa.

— Tipo o quê?

— Não sou vidente, apenas analiso fatos. Então essa outra coisa você vai ter que me contar o que é. Não sou capaz de adivinhar.

— Entendi.

— Já pode falar.

— Eu conheci um menino. Tenho conversado com ele.

— Eu sabia.

— Você disse que não sabia.

— Mas eu sabia, sim. Agora pode me contar tudo, nos mínimos detalhes.

Essa foi a primeira vez que falei sobre o Arthur para minha melhor amiga. Na verdade foi a primeira em que deixei o Arthur sair do virtual para o mundo real e, sinceramente, ali eu já adorei essa ideia.

10 de Novembro de 2015

Acordei com uma bomba nessa terça-feira.

Em pleno café da manhã meus pais informaram que iríamos jantar fora no sábado seguinte.

Coincidentemente, o sábado seguinte era um dos dias mais esperados da minha vida. Era o lançamento mundial do último livro da série *Caçadores do Sobrenatural* e um grande evento ia acontecer aqui em São Paulo.

Segundo meus pais, eu não poderia participar do evento. Tudo por causa de um bendito jantar.

A pior parte de perder esse evento, é que seria minha chance de conhecer o Arthur pessoalmente. Nós temos conversado diariamente como velhos amigos fariam. E apesar dele ser bem diferente de mim em muitos sentidos, parece que nossos pensamentos, sentimentos e vontades se encaixaram de um jeito surpreendente.

Graças a *Caçadores do Sobrenatural*.

Com certeza não haveria melhor lugar para encontrar com ele pela primeira vez do que no lançamento do livro que fez nossas conversas começarem.

Mas não seria dessa vez. Eu só esperava que outras oportunidades tão boas como essa surgissem.

14 de Novembro de 2015

Ok. O jantar foi surpreendente.

Certo. Ainda estou meio que processando a informação.

Aparentemente meus pais transam.

Com certeza eles... fazem isso, afinal minha mãe está grávida.

Uau. Vou ter um irmão ou irmã e sinceramente não estou preparado.

15 de Novembro de 2015

“Posso te ligar???”

— O quê? – Eu quase berro em resposta à mensagem do Arthur.

Estou surtando porque ouvir a voz dele é um passo enorme nisso que nós temos, essa relação online, mas assustadoramente próxima.

“Acho que sim...”, eu respondo. Com a certeza de que minha insegurança está todinha ali naquelas três palavras.

A questão é que eu odeio falar ao telefone. Minha voz é meio fina, não de um jeito adolescente, mas fina mesmo. Algumas pessoas me chamam de “senhora” quando atendo o telefone de casa. Não gosto da minha voz, disso eu tenho certeza. E o Arthur quer me ouvir falar.

Penso em desistir, mas o meu celular está tocando nesse exato momento e é o nome do Arthur ali na tela.

Respiro fundo. Espero mais um pouco. Respiro de novo.

Sinto que a ligação vai cair por causa da demora, então, com medo de passar mais vergonha ainda por esse motivo, eu atendo.

— Oi – eu falo, querendo soar casual, mas o tremor da minha voz não deixa.

— Olá! – ele diz em resposta, todo animado. E assim meu nervosismo, inesperadamente, diminui. A voz dele está longe de ser a voz de um galã de cinema. Talvez ela seja tão esquisita como a minha e isso é maravilhoso. – Tudo bem? Desculpa querer ligar, mas é que eu estou tão empolgado por causa do livro e do lançamento de ontem que precisava falar! Digitar não era o suficiente.

— Tudo bem. Digitar não ia transmitir toda a sua animação.

— E eu estou animado mesmo! De verdade! Eu quero gritar, Manuel!

É bem fofo ele falando meu nome. Fofo demais.

— Me conta então - eu falo, com um sorriso bem bobo no rosto. – Conta tudo que meu irmãozinho que nem nasceu ainda já estragou.

— Bom, o lançamento foi maravilhoso! Tinha tanta gente e a contagem regressiva parecia um show num estádio! E estava tudo lindo, a decoração, os livros empilhados no formato de uma torre... Você tinha que ter ido!

— Era o que eu mais queria.

— Foi incrível.

— Me conta mais.

— Então...

Desligamos o telefone exatamente duas horas depois.

20 de Novembro de 2015

“MEU LIVRO CHEGOU! AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA!!!”

Envio essa mensagem super contida para o Arthur e não leva um segundo para ele me responder.

“AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA! COMEÇA A LER, MANUELITO!”

“Já comecei. Em qual capítulo vc tá???”

“10 ainda. Não tive muito tempo de ler essa semana.”

“Vou tentar te alcançar”

“Eu te espero. Me avisa quando chegar no 10”

Caramba, isso foi quase uma declaração de amor para mim.

E eu não ia desperdiçar, então comecei a ler o mais rápido que consegui para poder alcançá-lo e, então, lermos o restante juntos.

23 de novembro de 2015

— Manu, você precisa voltar a dormir direito – é a Gabi falando. Ela se preocupa bastante com meu sono.

— Passei a noite lendo junto com o Arthur.

— Como assim junto com o Arthur? Ele te visitou? Você não me contou?

— Não, não pessoalmente.

Então expliquei para ela que, durante a leitura dos últimos capítulos do livro, o Arthur me ligou. E ele ficou lá na linha em silêncio lendo e eu do outro lado, também lendo em silêncio.

A gente apenas falava quando algum comentário era necessário, quando alguma cena era chocante demais e precisávamos compartilhar nossos pensamentos.

E ele me consolou quando terminei de ler e comecei a chorar igual um bebê.

Morri de vergonha, mas o Arthur não pareceu ligar.

Nós terminamos de ler e continuamos conversando por horas e horas e o dia amanheceu e eu precisava levantar para ir à escola.

Estava morto de cansado, mas não me importei. A noite tinha sido especial.

27 de dezembro de 2015

Apesar da voz do Arthur ser um tanto quanto parecida com a minha, nós tínhamos algumas diferenças fundamentais.

Foi o que eu vim a descobrir durante os últimos dias do ano.

Gabi estava no meu quarto comigo, sentada no chão jogando videogame enquanto eu mexia no celular. As explosões do jogo quase me matavam de susto e ela dava risada igual louca.

Arthur tinha ido viajar com sua família para o litoral.

E ele resolveu alterar a foto de perfil no Facebook.

E o que eu senti foi tristeza.

A única foto de rosto que eu tinha visto dele não era muito distinguível. Ele estava com apenas metade do rosto visível, e aquilo tinha sido o suficiente para mim até então. Ver mais da aparência dele não tinha sido minha prioridade. E talvez isso tenha sido um grande erro.

Pois agora, na nova foto, ele estava de sunga, exibindo um sorriso todo certinho e uma barriga tanquinho tipo a do Zac Efron, coxas grossas e bíceps destruidores.

Me hipnotizei com a beleza dele, mas não porque gostei do que vi.

A primeira coisa que veio à minha cabeça foi minha barriga nada tanquinho e minha pouca altura e meu sorriso de aparelho e os óculos de lentes grossas pendurados na minha cara que tem uma boa quantidade de espinhas.

O Arthur era o herói da história e eu, claramente, era o capanga do vilão.

Percebi finalmente que, na realidade, não temos nada a ver um com o outro.

16 de janeiro de 2016

Quando o Arthur voltou de viagem, ele quis me encontrar.

Nossas conversas eram a de dois amigos, que se conheceram e se gostavam, mas esse convite me fez pensar que talvez ele me visse da mesma maneira que eu o via.

Eu gostava do Arthur e, apesar de não ser expert em relacionamentos online (ou relacionamentos no geral), comecei a pensar que talvez pudéssemos ser algo a mais. Meus sentimentos confusos não me davam certeza de nada, exceto que eu queria encontrar com Arthur e poder conhecê-lo melhor.

Mas eu me lembrei do corpo dele e do rosto dele e disse que não poderíamos ir ao shopping juntos, pois tinha que ajudar minha mãe em casa.

Passei o dia tentando tirar uma foto minha que pudesse colocar no perfil do Facebook e não fosse tão inferior à do Arthur.

À noite eu decidi deixar a foto que estava mesmo, uma em preto e branco com meu rosto meio longe da câmera em um sorriso escondendo os dentes. Essa era a imagem que o Arthur tinha de mim, junto com poucas outras fotos que alguém me marcara, e eu não queria me mostrar mais do que isso por enquanto.

Encontrar pessoalmente com ele significaria me expor de uma maneira que eu não estou minimamente pronto.

Fevereiro

— Qual sua cor favorita, Manuel?

— Preto. Sou bem dark e gótico.

— Uau. Quase um *Caçador do Sobrenatural*.

— A história é inspirada em mim.

— Imaginei mesmo. Agora pergunta qual a minha cor favorita.

— Arthur, qual a sua cor favorita? – eu falo num tom falsamente casual e nós rimos com isso. Eu quase deixo o celular cair.

— Verde água.

— Tem um motivo?

— Gosto dela porque tem aquela coisa controversa que nem é azul nem verde, é uma mistura dos dois e ao mesmo tempo nenhum deles. Acho incrível.

— É uma boa justificativa.

— É.

— Acho que a gente tá meio sem assunto, né?

— Nem um pouco. A gente está se conhecendo melhor, Manuelito. É assim que se faz. Primeiro quero saber sua cor favorita e depois suas comidas favoritas. Depois as músicas e filmes e lugares. Logo eu já conheço quase tudo o que você gosta e você conhece todos os meus favoritos. Então a gente dá outro passo e mais outro passo até andar um do lado do outro. A gente tá se conhecendo melhor para poder andar junto, sabendo aonde ir e o que fazer e falar e incluindo novos favoritos nessa lista enorme. Mas alguns favoritos que serão *nossos* favoritos, de nós dois. É assim que funciona, em minha mais humilde opinião.

— E qual sua estação do ano favorita? Por favor fala que é inverno!

— Verão!

— Droga.

23 de abril de 2016

O domingo foi de mudanças.

O quarto da minha irmã mais velha agora seria o quarto do bebê, minha irmã mais nova.

Então o meu quarto agora seria o meu quarto e da minha irmã mais velha também.

Colocamos um beliche no cômodo minúsculo, um guarda roupas maior para dividirmos e vários objetos de decoração que nada tinham a ver comigo.

Ganhei uma nova irmã e perdi um quarto.

Nada bom.

23 de abril de 2016

O Arthur queria me ligar, mas eu não podia atender agora que minha irmã estava dormindo em cima de mim.

Falei isso para ele, que aceitou numa boa, mas disse que ficou triste.

Só não sei se a tristeza dele era tão real e dolorida quanto a minha.

A gente conversava pelo telefone todas as noites agora e deixar isso de lado abriu um pequeno buraco no meu peito.

Foi a primeira vez que dormi cedo desde que dei aquele primeiro “oi” ao Arthur.

5 de maio de 2016

“Eu quero te encontrar...”, era o que dizia a mensagem do Arthur.

Passava da meia-noite.

Não visualizei a mensagem realmente e deitei dormir sem responder.

O que eu queria escrever para ele era bem diferente do que eu sentia que deveria fazer.

E inventar uma desculpa nesse momento, encontrar algo que o fizesse acreditar que eu não poderia encontrá-lo, parecia a coisa mais difícil do mundo.

7 de maio de 2016

Decidi reler todos os livros de *Caçadores do Sobrenatural*.

Comentei isso com o Arthur e só o que ele me respondeu foi um emoji de sorriso.

Eu não tinha respondido àquela mensagem dele. Tinha ignorado deliberadamente e mudado de assunto e agora, dois dias depois, as consequências pareciam bem claras para mim.

Não consegui nem mesmo me concentrar na leitura que sempre me afastou do mundo real, mas que no momento parecia me deixar ainda mais próximo dos problemas que preenchiam minha vida.

30 de junho de 2016

Eu precisava resolver a situação. Cabia somente à mim.

Saí da escola e falei para a Gabi que precisava ligar para alguém. Ela sabia que era para o Arthur e sabia que eu estava triste por causa dele e da falta que fazia conversar com ele.

Cliquei no nome dele nos meus contatos do celular e esperei chamar.

Ele atendeu depois de quatro toques, que pareceram uma eternidade, e a surpresa em sua voz era tão clara quanto o nervosismo deveria ser na minha.

— Você pode falar? – eu pergunto. Era o único jeito que pensei em começar a conversa.

— Posso, sim – ele responde. Não soube dizer se era um tom frio e distante ou se tudo fazia parte da minha imaginação.

— A gente não tem se falado direito, né?

— Eu fiquei meio mal.

— Ah... – sou pego meio de surpresa com essa declaração tão sincera. – Por minha causa, né?

— Não posso negar que sim.

— Eu não sabia o que te responder.

— Era só responder que não sabia o que responder – ele estava claramente chateado. – Achei que depois de todo esse tempo a gente não teria problema nenhum em conversar.

— É que não queria te chatear.

— Mas me ignorar foi bem pior do que seria você recusar meu convite.

— Desculpa?

— Desculpo, mesmo você tendo demorado todo esse tempo. Mas eu preciso saber porque você não quer me encontrar? Você é fake?

— Não. Não sou! – eu respiro fundo. Pensando no que dizer. A verdade me parece fora de cogitação, apesar do que ele acabara de falar, e mentir soaria como a pior das traições. – Eu não sei bem como explicar...

— Mas tem um motivo?

— Sim.

— E você não sabe explicar mesmo ou é só uma desculpa porque tá com medo do que eu vou pensar?

— Os dois, eu acho.

— Manuel, eu não estaria falando com você agora se tudo o que já passamos não fosse sincero. Você é meu amigo e talvez pudesse ser mais do que isso, só que é bem triste saber que você não confia em mim.

— Na verdade é em mim que eu não confio, Arthur.

— Por quê?

— Por que eu não sei se posso realmente confiar em mim. Por vários motivos.

— Eu não vou insistir mais, Manuel. E não vou ficar chateado também. Só espero que você me conte quando estiver pronto.

— Eu vou contar. E nós vamos nos ver... um dia.

— Espero por esse dia ansiosamente.

— Eu também, pode acreditar.

— Eu acredito, Manuelito.

20 de agosto de 2016

Minha irmãzinha é tão linda!

Nunca pensei que eu acharia isso, mas ela é linda demais. Mesmo com a famosa cara de joelho.

Tiro uma foto dela pelo vidro do berçário e envio ao Arthur. Ele me responde com emojis com olhos de coração e diz que queria as bochechas dela.

O Arthur é tão fofo que eu queria apertar as bochechas dele também. NA verdade queria poder apertá-lo por inteiro.

Apertar é algo que só fazemos com coisas realmente fofas e que realmente criam esse desejo tão esquisito e maravilhoso, não é?

Minha irmãzinha faz isso porque eu a amo e, de uma maneira diferente, é exatamente o mesmo motivo pelo qual quero apertar o Arthur.

Tudo tem a ver com amor.

13 de setembro de 2016

“Minha mãe descobriu que tá doente”, tem um emoji triste no fim da mensagem do Arthur.

“É grave?”, eu pergunto sem saber o que mais poderia dizer.

“Sim. Câncer. Bem agressivo.”

“Não sei o que dizer, Arthur.” Várias carinhas tristes.

“Não precisa.”

“Quer me ligar?”

“Não vai acordar sua irmã?”

“Não tem problema”

Antes que ele possa me responder qualquer coisa, eu toco no botão de chamada e o espero atender depois de um toque.

— Oi – ele diz, a voz de alguém que esteve chorando.

— Eu estou aqui, tá bom? Pra qualquer coisa. Você pode me pedir, de verdade.

— Queria seu abraço.

— Queria te abraçar.

— Já me sinto abraçado, então.

Eu não sei o que dizer. Me sinto idiota por ter me disponibilizado a qualquer coisa quando, na verdade, não me atrevo a encontrar com ele pessoalmente. Meu coração fica apertado, mas sei que não está tanto quanto o dele e que meu sofrimento agora é mínimo perto do que ele está passando.

— A gente não precisa desligar, tá? – eu sigo, finalmente - Eu vou ficar aqui até você dormir. Ou se você quiser ficar acordado a noite inteira. Eu estou aqui.

— Obrigado, Ma.

— De nada, Arthur. Eu te amo, viu?

— Também te amo.

31 de outubro de 2016

Nunca pensei que o Arthur e eu fôssemos brigar.

Mas eu devia ter imaginado, afinal a culpa era minha.

— Faz um ano já, Manuel. Um ano.

— Eu sei.

— Queria entender o motivo.

— Eu não consigo – digo, sentindo minha garganta fechar e meu lábio formar um biquinho de choro. – Não consigo ir.

— Do que você tem medo?

— De mim.

— Não faz sentido.

— Pra mim faz.

— Eu preciso de você. Sei que não deveria te cobrar isso, mas preciso de você!

— E eu de você.

— Não parece. Minha mãe tá internada faz duas semanas e eu só queria ter alguém pra me abraçar! Alguém que eu goste verdadeiramente e não o monte de gente da escola que mal me conhece. Você e eu somos diferentes, Manuel...

— Eu sei...

— Mas a gente se completa. Minha vida seria totalmente diferente sem você. Eu seria solitário e triste de um jeito que dói só de imaginar. Eu não tenho ninguém além de você.

— Eu...

— Mas agora eu estou me sentindo exatamente assim: Solitário e triste. Isso porque a pessoa que diz me amar não aceita segurar minha mão e olhar nos meus olhos e dizer que vai ficar tudo bem. Eu me sinto sozinho, Manuel, porque ficar longe de você não tá sendo mais o suficiente. Quero você aqui comigo.

Já não seguro mais o choro e sinto raiva dele por jogar isso em cima de mim como se tudo fosse escolha minha. Sinto raiva por ele questionar meu amor e me sinto triste por fazê-lo se sentir tão mal só porque eu não chego aos pés dele e não me sinto suficiente para ele. Quero gritar com ele e dizer que ele não vai gostar de mim e que a decepção vai ser grande demais, ao ponto de todo esse amor desaparecer. Eu sei que vai.

Mas só consigo chorar e ele desliga a ligação depois que eu não digo nada por longos instantes.

18 de novembro de 2016

Primeiro veio a distância das nossas conversas, os dias em que não nos falamos e as conversas que não aconteceram. Arthur continuava no exato mesmo lugar em que sempre estive, a mesma cidade, a mesma rua, a mesma casa e quarto. Mas antes ele parecia estar junto comigo no meu quarto, na minha cama, segurando a minha mão ou me abraçando.

Então ele se foi aos poucos e eu fui ficando para trás.

Depois a mãe dele morreu. Então ele foi embora morar com o pai no interior de São Paulo. E agora sinto que ele está do outro lado do universo.

É bem verdade que, ele estando em São Paulo ou em outra cidade, não faria diferença alguma para nossas conversas por mensagem ou ligações.

Mas descobri que a distância física pode se tornar um peso ainda maior quando há coisas mal resolvidas e quando aquele sentimento de proximidade é abalado.

Independentemente de onde Arthur esteja, não vai ser o suficiente.

Eu entendo o que ele sempre sentiu.

E agora sinto em dobro.

27 de novembro de 2016

— Tá, não gosto de fazer esse papel – começa minha irmã assim que eu me deito na parte debaixo do beliche. Eu apenas ouço a voz dela enquanto olho para o estrado acima. – O papel da irmã preocupada e que quer ajudar. Mas eu estou preocupada e quero ajudar.

— Com o quê? – eu pergunto em resposta.

— Você tá aí todo esquisito. Mais esquisito que o normal. Esquisito de um jeito diferente que não tem nada a ver com as coisas estranhas que você gosta.

— Não estou entendendo nada.

— O que você tem? Você ficava até tarde trocando mensagens no celular, um dia ouvi você conversando com alguém e agora não está mais fazendo nada disso e está com essa cara de tristeza o tempo inteiro.

— Ah.

— Ah? Só isso, garoto?

— O que mais posso falar?

— Me conta.

— Não...

— Conta logo. Sou mais velha, tenho mais experiência com garotos.

Eu nunca pensei, em toda a minha vida, que estaria contando para a minha irmã qualquer coisa sobre minha vida pessoal. Ainda mais sobre algo tão importante quanto minha relação com o Arthur. Há um bom tempo eu já saí do armário, mas falar sobre garotos com outro membro da família nunca esteve na minha lista de afazeres da vida.

Mas eu falo. Conto tudo para ela. E ela só tem uma coisa a me dizer.

— Você precisa pedir desculpas pra ele, garoto esquisito.

E então ela vai dormir.

4 de dezembro de 2016

Eu sei que minha irmã tem razão.

Sei que devo desculpas ao Arthur.

Mas simplesmente não consigo e, honestamente, nem sei bem o motivo.

16 de dezembro de 2016

Toda vez que abro o contato do Arthur para poder mandar mensagem eu simplesmente travo.

Fico olhando para a tela e penso em escrever, nas exatas palavras que devo usar, mas não consigo.

Aí ele fica online e eu fecho correndo o aplicativo como se ele fosse me ver ali o espionando.

Mas a verdade é que não tem nenhuma regra que diz que não posso abrir a foto dele e olhar para ela sentindo a saudade me abraçar. Que não posso pensar em mil diálogos possíveis que resolveriam tudo. Não há regra sobre sonhar com o momento em que tudo estará bem de novo.

O problema é que também imagino tudo o que pode dar errado e essas coisas tem uma força enorme sobre mim, ao ponto de me fazer desistir.

1º de janeiro de 2017

Meia-noite. Dia primeiro de janeiro.

É esse o momento.

Eu mando um “oi” e um emoji com sorriso amarelo.

Ele não me responde.

1º de janeiro de 2017

É fato que existem coisas que não são o que parecem.

Nós criamos monstros em nossas mentes e esses monstros não podem ser derrotados facilmente por uma espada mágica como a de *Caçadores do Sobrenatural*.

Mas, na verdade, existe sim uma espada mágica.

É só uma palavra:

— Desculpa?

15 de fevereiro de 2017

— Eu sei que o grande problema começou quando insisti em te ver – fala o Arthur enquanto conversamos por telefone depois da escola. – Mas eu preciso dizer que isso ainda precisa acontecer.

— Mesmo com você morando mais longe? – Eu pergunto, tentando não soar cara de pau demais ao usar isso como desculpa para os nossos não-encontros.

— Mesmo assim. E não vou insistir mais, prometo, mas você precisa me contar a verdade. Qual o motivo pra isso, Manuelito?

Eu deveria dizer?

A única coisa que passa pela minha cabeça nesse momento é o quanto sou ridículo. E que estou enganando ele. Então lembro de tudo o que senti enquanto ele esteve longe e sei que não posso mais passar por isso.

— Eu não me acho bom o suficiente – eu digo, quase num único sopro.

— Como assim?

— Pra você.

— Bom pra mim?

— Você é bonito demais pra mim e, sei lá... me sinto um dos demônios malignos de *Caçadores* tentando ficar com o herói da história.

— Mas quem falou pra você que eu sou o herói?

— Eu mesmo... acho.

— Ok. Estou confuso, porque pra mim você é o herói.

— Não faz sentido.

— Faz sim – ele suspira e eu acho que está rindo de mim ou então simplesmente cansado dessa conversa sem sentido. Mas eu não falo nada e instantes depois ele continua. – O que me deixa mal é pensar no tempo perdido. E por causa de aparência.

— Você fala isso porque é bonito e nesse momento está fazendo o papel do mocinho bonito dando uma lição de moral meio sem querer na mocinha que claramente não é tão bonita mas é engraçadinha e começa a se enxergar à partir de então e fica com a auto estima lá em cima e... Isso não vai acontecer comigo, é sério.

— Para! Respira! Me perdi aqui.

— Arthur...

— Manuel...

— Diga.

— Eu não me acho bonito.

— Você tem um tanquinho.

— E?

— E...

— E nada. Olha, Manuelito, tudo o que posso dizer agora é que você e eu fomos feitos um para o outro. Não tenho dúvidas disso.

— Uau.

— Você importa demais para mim e você não enxerga isso. E nem tem a ver só com auto estima, tem a ver com sentimentos bem mais profundos. Cada pessoa é diferente e cada pessoa enxerga a outra de um jeito diferente. Nós dois somos heróis, Manuel. Nós dois matamos todos os seres sobrenaturais malignos e, sinceramente, quando estamos cobertos de sangue lutando contra o mal, não importa nem um pouco nossa aparência.

— Boa metáfora.

— É a verdade.

— Ok.

— Ok. Mas eu não vou pedir para você me encontrar. Não agora. Mas eu espero que você faça isso um dia.

— Eu também espero.

— Talvez eu esteja pedindo demais, mas eu preciso de você. E quando disse que também te amo, eu disse com todo o meu coração.

— Eu sei.

— Que bom.

— Ótimo.

— Ótimo.

— Oi, você vem sempre aqui?

20 de março de 2017

— Migo, eu te conheço muito bem – é o momento de sabedoria da Gabi. Eu sempre escuto minha melhor amiga porque ela é realmente sábia e, como não cansa de repetir, bem madura para a idade que tem. Sempre foi e sempre será. – Você precisa parar, pensar e decidir o que quer.

— Eu quero encontrar com ele. A gente não fala mais nisso, mas é um fantasma pairando sobre nossas cabeças... ou sobre nossos celulares.

— Então pronto. Ambos querem. É só fazer.

— Ele mora longe.

— Sua irmã dirige, ela te leva. Aliás, conversei com ela esses dias e ela definitivamente quer te ajudar.

— Vocês falaram sobre mim?

— Sim, mas nada demais. Ela só perguntou se você ainda estava apaixonado. Eu disse que sim, mas os problemas continuavam os mesmos.

— Por que ela não perguntou pra mim?

— Provavelmente estava esperando você se abrir espontaneamente. E sabemos que isso não ia acontecer. Então tomei a liberdade de contar. Me desculpe.

— Tudo bem.

— Então é o seguinte. Coloca uma meta.

— Meta?

— Marca uma data. Um dia do ano pra vocês se encontrarem. Pode ser daqui a um mês ou um ano. Não importa. Te conheço e você precisa de metas e de pressão.

— Gostei da ideia, pra falar a verdade.

— Eu sei, migo. Eu sei.

30 de abril de 2017

Dia trinta e um de outubro.

Essa é a data.

Demorei um pouco para decidir e isso não conta a meu favor, mas é óbvio que tem que ser dia 31 de outubro.

Primeiro, foi quando começamos a conversar.

Segundo, tem toda uma história louca em relação à data em *Caçadores do Sobrenatural* que se eu começasse a explicar ficaria horas e horas falando, mas, obviamente, isso é algo importante para nós dois.

E terceiro, é Halloween. E o Halloween é maravilhoso e misterioso e tem monstros, o que combina bastante com a metáfora do nosso relacionamento com monstros e heróis. O Arthur vai gostar, com certeza.

6 de maio de 2017

— Eu acho uma ótima ideia. — Diz o Arthur. — E já estou ansioso.

— Você não está falando isso só pra me agradar, né?

— Jamais.

— Ah bom.

— Aaaaahhhhhhhh!!!

— Por que você está gritando? Que isso?

— A prova de que estou ansioso.

— Ah tá.

16 de agosto de 2017

Dois anos é tempo demais para esperar para encontrar com alguém. É tempo demais apenas imaginando como aquela pessoa é de verdade, e como vai ser quando você puder tocar nela e sentir sua presença.

Quero encontrar o Arthur agora, mas sei que não vou conseguir porque, nesse caso, eu não consigo controlar muito minhas ações. Assim que

começasse a planejar um encontro em um momento tão próximo eu começaria a pirar e desistiria. Fato.

Mas o halloween parece longe e, enganosamente, me faz ter tempo de criar coragem, algo que faz muita falta na minha vida, mas que sinto que vai brotar magicamente em algum momento até o fatídico dia chegar.

14 de outubro de 2017

Minha irmã e a Gabi decidiram se reunir e me levar para comprar minha fantasia para a festa que acontece no Halloween.

Festa com a qual não me importo nem um pouco, exceto pelo fato de ser uma festa temática de *Caçadores do Sobrenatural* e o local do meu primeiro encontro com o Arthur!

Eu estou surtando desde já e sinto que quero desistir porque o tempo passou rápido demais.

Mas estou indo. Continuo seguindo. O dia vai chegar e eu sei que estarei lá, nem que seja amarrado por essa dupla que quer que eu me vista de Pennywise numa festa que não tem nada a ver com It.

Minha fantasia será outra e já está escolhida, mas elas não sabem disso.

20 de outubro de 2017

— Você está preparado? – eu pergunto para o Arthur. Não é só por curiosidade, mas para ter certeza de que ele está tão nervoso quanto eu.

— Estou. Mas não muito. E você?

— Eu estou me tremendo todo.

— O lado bom disso é que vamos poder nos consolar pessoalmente.

— Tremi ainda mais agora.

— Já escolheu sua fantasia, Manuelito?

— Sim. E você?

— Com certeza. E acho que ambos sabemos como o outro estará vestido.

— Definitivamente. Acho que nos encontramos lá então.

— Sim!

— Sim!

23 de outubro de 2017

O sonho com o Arthur continua na minha mente e, apesar de ter sido um pesadelo, me sinto incrivelmente feliz.

O que permanece não é o momento em que ele é levado pelos monstros. Mas sim o peso do corpo dele no meu abraço e o perfume dele no meu nariz e os olhos dele me encarando.

Não lembro em detalhes e sei que tudo isso está sendo preenchido pelo meu subconsciente, mas cada uma dessas coisas serve para minha expectativa aumentar e, felizmente, para meus medos parecerem um pouco menores ou pelo menos enfrentáveis.

30 de outubro de 2017

— Te encontro às onze. Do lado da estátua do Herói dentro do castelo. – Eu digo.

— Tá bom. Te encontro às onze. – Ele responde.

31 de outubro de 2017

— Você está ridículo, meu deus! – essa é a irmã que eu conheço. – Muito esquisito. Mas acho que ele vai gostar.

— Ele vai. – Diz a Gabi dando risada. Eu reviro os olhos para as duas.

Nós três estamos andando os últimos metros do caminho da estação do metrô até o local da festa. A Gabi veio me acompanhar de verdade, como

uma boa melhor amiga, e minha irmã é nossa responsável legal, afinal não somos maiores de idade. Mas eu sei que no fundo ela só quer ver o desfecho dessa história que ela acabou fazendo parte também. Desabafar com minha irmã foi inesperado, mas uma das melhores coisas que aconteceram.

Nós entramos, depois de uma fila enorme e várias pausas para tirar fotos com pessoas que queriam uma lembrança comigo por causa da minha fantasia perfeita.

Não consigo evitar de ficar olhando para todos os lados à procura do Arthur. Cada rosto mascarado que passa por mim faz minhas pernas bambearem e um calor subir pelo meu corpo. Minhas mãos estão geladas, apesar de fazer calor, e suando de um jeito nada elegante.

O lugar é um enorme terreno com food trucks e um palco com Dj e pista de dança. Logo que entramos nessa área, se torna visível a enorme réplica de um castelo do outro lado da multidão. Passa um pouco das dez e meia e eu queria ficar ali enrolando um pouquinho e dançando coisas que eu nem conseguia prestar atenção.

Mas a Gabi me arrastou, deixando minha irmã no bar, em meio à pista de dança. Nós atravessamos o aperto de pessoas e chegamos juntos à entrada do castelo, que é feito de algum material que parece pedra de verdade e é idêntico ao retratado na capa de um dos livros da série, só que obviamente muito menor do que um castelo seria, o que não tira nem um pouco da sua imponência.

— Boa sorte, amigo. – Gabi me abraça e eu a aperto porque estou nervoso e não sei o que fazer e quero ficar ali e sair correndo. – Vai dar tudo certo. Ele é o seu amor.

— Obrigado.

Me afasto dela com um último sorriso e vou em direção à fila para entrar e ver as réplicas dos personagens principais da série lá dentro. Seria uma experiência maravilhosa para mim como fã, mas sinto que esse momento é só meu e do Arthur e, ainda que *Caçadores do Sobrenatural* tenha nos unido, não há mais nada que importe.

Eu caminho depois de ser revistado, num ambiente de luz alaranjada que lembra fogo e o cheiro é de plástico ou algo do tipo. Sigo as outras pessoas,

passando pelos ambientes da série de livros, que são bem maiores do que eu imaginava, mas minha mente não registra nada.

Meu coração não parece estar batendo, ele treme numa velocidade absurda.

Minha boca está seca.

E eu não sei o que fazer com as mãos.

O último ambiente é o mais importante, é onde está o herói e o vilão. E mesmo com todo o nervosismo, lembro das palavras do Arthur. Lembro que eu sou o herói dele, assim como ele é o meu. E sei que o vilão foi forte por muito tempo, vivendo dentro do meu peito e da minha mente, mas que agora ele nem é mais um personagem importante.

Me aproximo da estátua do herói. Levo a mão ao bolso e pego meu celular. São onze horas. Guardo, então, o celular no bolso novamente e...

Alguém segura a minha mão e ela parece não tremer mais.

Me viro assustado e numa reação instintiva, não por não saber que era o Arthur, mas porque o toque dele foi algo tão novo que me fez quase saltar até o topo do castelo.

A máscara de ferro, como a da foto de perfil dele quando o conheci, cobre metade do seu rosto. Mas seu sorriso eu consigo ver e sentir me alcançando.

Eu me lanço, então, nos braços dele, sentindo seu corpo se juntar ao meu com uma força maior do que qualquer força natural. Ambos estamos tremendo e segurando um ao outro como se só isso não fosse suficiente.

Ouçó o sorriso dele no meu ouvido.

Ele não tem cheiro de canela, como no meu sonho, mas sim um perfume forte e real.

Ele é real. O Arthur está comigo e eu estou com ele.

Leva um tempo até nos soltarmos e quando o fazemos é apenas para que nossas bocas se encontrem. Mal vejo seu rosto recém-descoberto pela máscara e é meu primeiro beijo na vida e não sei se estou fazendo certo ou errado ou se o meu próprio rosto visto assim, tão de perto, é uma imagem agradável, mas não me importo com nada.

Foram dois anos e dois anos é muito tempo para esperar para encontrar com alguém. Ainda mais se esse alguém é a pessoa que você ama e que te ama também e se esse amor enfrentou os maiores monstros que existem, servindo de apoio em momentos de luta e medo e me fez entender que somos todos heróis e vilões por dentro e por fora.

Eu olho nos olhos escuros do Arthur e só tem uma coisa nesse momento que podemos dizer um ao outro:

— Ahhhhhh!!!

— Ahhhhhh!!!

Playlist de “Te encontro às onze”

- ♪ Next year – Two door cinema club ♪
- ♪ Waking up the giants – Grizfolk ♪
- ♪ I apologise (Dear Simon) – Moss ♪
- ♪ Shadow – Bleachers ♪
- ♪ Miss you so much – Miley Cyrus ♪
- ♪ Too many friends – Placebo ♪
- ♪ New Rules – Dua Lipa ♪
- ♪ Friends – Justin Bieber ♪
- ♪ Want you back – HAIM ♪
- ♪ Love – Lana Del Rey ♪
- ♪ Primadonna – Marina and the Diamonds ♪

[Acesse a playlist do conto no Spotify.](#)

Sobre o autor:

Victor Lopes é um publicitário recém-formado. Amante de literatura jovem, apaixonado por cultura pop e tudo o que envolve o universo do entretenimento. Desde criança dizia que queria escrever um livro, o que só começou a tomar forma na adolescência. Seu primeiro livro, um romance contemporâneo com temática LGBT, se chama “Quero andar de mãos dadas”, foi lançado de maneira independente em 2017 e pode ser encontrado à venda na Amazon.

Encontre o autor nas redes sociais:

Twitter: [@_victorlops](https://twitter.com/_victorlops)

Instagram: [@_victorlops](https://www.instagram.com/_victorlops)

Facebook: facebook.com/victor.lopes.35175

Outros títulos do autor



[Quero andar de mãos dadas](#)

Johnny e Nicholas não se conheciam, mas desde que se encontraram pela primeira vez, viram que momentos bons podem existir em meio a sentimentos ruins e a uma vida onde nada parece estar do jeito certo. À partir desse encontro quase sem querer, surge uma amizade e um desejo adolescente que só cresce com as conversas, as opiniões musicais compartilhadas e os segredos confessados.

O que dois jovens garotos com um sentimento em comum um pelo outro podem fazer para se sentirem livres e viverem algo bom quando tudo ao redor parece conspirar contra? Mais do que isso, como lidar com os

próprios pensamentos e opiniões indo de encontro aos seus desejos mais profundos e verdadeiros?

“Quero andar de mãos dadas” é um romance LGBT sobre um amor adolescente, a importância da família e a necessidade de lidar com coisas muito maiores que a própria vontade para que se possa ser feliz.